

HISTÓRIAS DE MAIS DE 60 ANOS¹

CLARICE EHLERS PEIXOTO

A curiosidade antropológica sobre as mulheres de mais idade surgiu no decorrer de uma pesquisa anterior sobre as estratégias de sociabilidade dos velhos parisienses e cariocas² e se acentuou durante uma investigação sobre o perfil dos estudantes da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI/UERJ)³. Nesses dois trabalhos nos deparamos com um universo majoritariamente feminino.

Os estudos demográficos sobre envelhecimento indicam que, entre 1958 e 2025, o total da população mundial de mais de 60 anos deverá sextuplicar e a de 80 anos e mais será dez vezes maior. Esses números apontam ainda para as importantes disparidades entre os sexos: as mulheres constituem a maior parte da população idosa mundial. Assim, mais avançam na idade mais elas são numerosas, e o envelhecimento pode ser visto como um fenômeno particularmente feminino. E se as estatísticas populacionais indicam uma maior longevidade para as mulheres elas mostram, também, que as mulheres estão mais sujeitas a deficiências físicas e mentais que seus parceiros masculinos⁴.

Quanto às estatísticas brasileiras sobre o envelhecimento da população, observamos que o Brasil não deixa nada a dever ao panorama mundial: o Censo Demográfico de 1991 indica que a população brasileira de mais de 60 anos é maior do que a população total de muitos países europeus. De 'país jovem', passamos rapidamente a 'país maduro' e estamos a caminho do envelhecimento; a forma de nossa pirâmide etária passa por um processo de transformação onde a base se estreita

¹ Esta pesquisa contou com a participação das alunas Paula Raquel Borges, Rachel Figueiredo e Vera Lúcia Mendes.

² Tese de doutorado *A la Rencontre du Petit Paradis: une étude sur le rôle des espaces publics dans la sociabilité des retraités à Paris et à Rio de Janeiro*. EHESS, 1993.

³ De Volta às Aulas ou de Como Ser Estudante aos 60 anos. In: VERAS, R. (org.), *Terceira Idade: desafios para o terceiro milênio*, 1996.

⁴ Na França, 67% dos homens de 60 anos e mais podem contar com boas condições de saúde nos anos de velhice. E é o caso de apenas 59% das mulheres. Mais a idade avança, mais essas diferenças se acentuam. Por exemplo, aos 75 anos, 52% dos homens têm essa perspectiva enquanto somente 39% das mulheres podem esperar por dias mais saudáveis.

ta, o meio e o ápice se alargam, sobretudo, no lado feminino. Ou seja, também no Brasil a proporção de mulheres de mais de 60 anos é maior que a dos homens (53,9%)⁵.

Sendo a população feminina de mais de 60 anos superior à masculina, consequência da maior expectativa de vida ao nascer que permite às mulheres sobreviverem aos seus contemporâneos masculinos, não é de admirar o grande número de mulheres que freqüentam os espaços públicos, retornam às aulas e se inscrevem nos clubes de terceira idade. Assim, nas pesquisas precedentes, a comparação entre os relatos femininos e masculinos revelou conteúdos bastante diferentes: as mulheres tinham, em geral, muitas estórias para contar: histórias de infância e juventude, de casamento e envelhecimento, longos relatos de vida.... Para os homens, o que importava narrar era a vida de trabalho, o vazio da inatividade gerado pela aposentadoria. Sobre a família, o interesse volta-se para os filhos: sua educação e inserção no mercado de trabalho, "se progrediram na vida"...

Muitas são as pesquisas sobre mulheres de todas as classes, cores e credos, investigações sobre gênero e feminismo ... mas poucos são os estudos sobre mulheres envelhecidas⁶. Decidimos, então, mergulhar no mundo de 25 mulheres de mais de 60 anos, pertencentes às camadas populares e/ou às frações inferiores das camadas médias cariocas⁷. Ao analisar essas múltiplas histórias, nos deparamos com relatos que apresentam etapas ou momentos da trajetória de vida bem precisos: tempo de criança, de menina-moça, moça solteira; tempo de casamento, de amor e desamor, de maternidade, de trabalho para muitas e, finalmente, tempo da velhice, da aposentadoria e da viuvez para várias delas⁸. São tempos perdidos, tempos ganhos. Algumas sabem se liberar do tempo mas outras precisam "preencher o tempo", para não deslizar na solidão, se afastando do tempo social.

Tentando correr atrás do tempo, propomos entrar nesses tempos femininos, tempos de passagem da infância à maturidade e à velhice, partindo de algumas informações estatísticas que permitem a construção de uma imagem instantânea do grupo estudado:

⁵ População de mais de 60 anos: 10,7 milhões, Censo Demográfico de 1991/IBGE.

⁶ O colóquio internacional Femmes, Hommes, Identité, Égalité, Différences, organizado em Paris (março de 1995) para preparar a 4ª Conferência Mundial sobre as Mulheres (Pequim), contou com mais de 250 trabalhos que abordaram as mais diversas questões do mundo feminino; nenhum tratou do envelhecimento da mulher. Ver *La Place des Femmes*. Paris: Série Recherches, La Découverte, 1995. Esta também parece ter sido uma lacuna da Conferência de Pequim. Mas faço aqui uma ressalva aos trabalhos de Myrian Lins de Barros sobre mulheres idosas de camadas médias urbanas cariocas.

⁷ A discussão sobre camadas médias brasileiras é antiga, sua definição ainda complexa. Procuramos selecionar mulheres que pertencessem, sobretudo, às camadas populares, cuja renda familiar não ultrapassasse cinco salários mínimos. Entretanto, nos deparamos com várias que, embora correspondessem aos critérios de renda exigidos, tinham **visão de mundo, cultura de classe** características das camadas médias, uma vez que delas eram originárias. Para nós, estes são os melhores critérios para distinguir a gama de situações sociais encontradas, pois as informações estatísticas nem sempre são suficientes para explicar a condição de classe do grupo estudado. Ver discussão mais detalhada em PEIXOTO, C.. De Volta às Aulas ou De Como Ser Estudante aos 60 anos. In VERAS, R.. Op. cit., 1996.

⁸ Sobre periodização da vida, ver a reflexão de DEBERT, Guita G.. Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice. In *Antropologia e Velhice*, Textos Didáticos nº 13, IFCH/UNICAMP, 1994.

Imagem Instantânea, Imagem de Mulheres

Grupos de Idade	Estado Civil			Sit. de Moradia			Renda Fam. SM			Nível de Instrução					
	Cas.	Viuv.	So/DI	Só	Conj.	Filhos	1 - 2	2,5-3,5	4 - 5	1ºGrau		2ºGrau		3ºGrau	
										C.	I.	C.	I.	C.	I.
60-65	2	-	-	-	4	-	-	1	1	1	1	-	-	-	-
66-70	3	2	2	4	3	2	4	1	3	4	2	2	-	-	-
71-75	2	2	2	2	2	2	2	2	-	4	-	1	-	-	1
76-80	-	6	-	1	-	3	5	2	-	1	2	2	-	-	-
81 e +	-	2	2	3	-	1	3	-	1	-	-	2	1	-	-
TOTAL = 25	7	12	6	10	7	8	14	6	5	10	6	7	1	-	1

Distribuímos as mulheres em classes de idade não só porque a idade torna as pessoas fisicamente diferentes – não temos a mesma aparência aos 60, 70 ou 85 anos – mas, sobretudo, para relacionar com outras informações e traçar um quadro mais nítido do nosso universo feminino. No entanto, várias são as mulheres que recusam essas classificações etárias, pois se sentem cada vez mais jovens, cheias de dinamismo e vitalidade; querem se misturar a todo mundo para as atividades e os prazeres que escolherem, sem discriminação.

As mulheres com mais de 70 anos são maioria (64%). Dentre essas, somente duas são casadas, ou seja, 92% do grupo estudado é composto de 'mulheres viúvas, solteiras ou separadas⁹'. Entre as mulheres que vivem sem marido ou companheiro, pouco mais da metade mora sozinha (10), as outras com filho(a) casado(a), irmã ou filha viúva (9). É importante assinalar que viver com filho(a) casado(a) não significa morar junto, compartilhar ou ter companhia: certas mulheres vivem em peças separadas/isoladas, no andar superior ou em casa contígua dentro do mesmo terreno. A proximidade geográfica nem sempre pode ser traduzida por uma maior frequência de contatos com filhos e netos: "eles não têm tempo para me ouvir, eu gostaria que tivessem um tempo, mas falta tempo ... corre daqui, corre dali, mal vejo minhas netas" (Cyna).

A opção por morar com filho(a) após a separação ou viuvez não é tão voluntária quanto parece; as dificuldades econômicas e a temida vida solitária são as razões mais frequentes para a transformação da vida familiar. O mais interessante é que são os filhos quem decidem sobre o destino da mãe, principalmente, quando ela é proprietária do imóvel onde mora¹⁰. Das duas uma: ou ela vai morar em casa do filho(a), liberando o imóvel para venda ou aluguel e os filhos se beneficiam do

⁹ Uso o termo "separadas" porque as mulheres classificadas nessa categoria não oficializaram juridicamente suas separações conjugais. Algumas chegaram a informar que ainda eram casadas, pois sem ter notícias do ex-marido há muitos anos, não sabiam se já eram viúvas.

¹⁰ Vale assinalar que 52% do total de mulheres possui imóvel próprio e somente 20% pagam aluguel. As demais moram em propriedade de filho(a).

produto da negociação ou um dos filhos vem morar com ela, deixando de pagar aluguel. Assim, os arranjos familiares no uso do imóvel materno são diversos: aluguel para pagar colégio dos netos; filho mais velho traz a mãe para morar com ele, liberando a casa da mãe para um segundo filho locatário; a filha viúva que não tem condições financeiras para sustentar os dois filhos e recorre à mãe; o filho que constrói um andar superior na casa da mãe; filhos vendem a casa e sorteiam com quem a mãe vai morar durante os primeiros anos, depois, rodízio de mãe! Há, em menor número, mulheres cujas baixas pensões ou aposentadorias não permitem que paguem o aluguel que, antes, era de responsabilidade do marido ou senão dividido entre o casal. Quanto ao “medo”, trata-se mais do interesse dos filhos em ter uma *baby-sitter* barata e permanente para o cuidado dos netos, liberando a filha ou a nora para o exercício de um trabalho remunerado.

Os baixos rendimentos são reflexo de níveis de instrução, também, muito baixos: 64% das mulheres cursaram o 1º Grau, mas somente 40% o concluíram. Se avançarmos mais na escolarização, veremos que 32% das mulheres entrevistadas cursaram o 2º Grau e somente uma não o concluiu. Mas não podemos esquecer que essas pessoas nasceram em períodos, antes de 1920 e 1930, em que baixos percentuais da população tinham acesso à escola, sobretudo as mulheres. Por outro lado, várias pesquisas já mostraram que a origem social interfere na relação entre escolaridade e trabalho. Assim, não é de admirar que 80% das mulheres tenham até 3,5 salários mínimos de renda familiar. Mas há que ressaltar que esta influência do meio social não pode ser avaliada somente pela posição social do pai; há que se considerar a educação recebida no seio familiar. Esse grupo de mulheres pertence a uma geração que foi socializada para o casamento, pouco importando o nível de escolaridade; foram preparadas para os papéis de esposa e mãe. Esta educação familiar que prepara os filhos para o trabalho e as filhas para a vida doméstica é mais visível “nos meios menos favorecidos, onde a mínima dificuldade escolar leva as mulheres a abandonarem um projeto profissional, voltando-se, resignadamente, ao projeto familiar”¹¹.

Um outro dado interessante é que essas mulheres são, majoritariamente, cariocas e fluminenses. Algumas vieram de outros estados, duas são estrangeiras. As que imigraram para o Rio, vieram de cidades do interior do Brasil, gente do campo em busca de trabalho...

Tempos de infância e de adolescência

Todo relato deixa transparecer os elos entre memória coletiva e memória individual e põe em jogo o sentido da identidade individual e de grupo. As histórias de vida devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução de identidade e é através desse trabalho de reconstrução de si mesmo que o indivíduo define o seu lugar social e suas relações com o grupo. Para Michael Pollak, “a memória, operação seletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado, se integra em tentativas mais ou menos conscientes para definir e reforçar os sentimentos de

¹¹ DURU-BELLAT, M.. *L'École des Filles*. Quelle formation pour quels rôles sociaux? Paris: Harmattan, 1990.

pertencimento e as fronteiras sociais entre coletividades diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, nações, cidades, regiões, famílias, clãs etc.¹²”.

Em estudo sobre a família, Halbwachs já havia identificado a “memória coletiva da família” como um lugar de elaboração de uma memória afetiva¹³. As gerações se sucedem e a transmissão de um vasto patrimônio simbólico lhes confere unidade e identidade. E são as histórias de vida, em geral carregadas de emoção, que melhor ressaltam os conteúdos sociais da memória familiar, permitindo descobrir as normas e valores transmitidos, os lugares de vida e as relações familiares: “all na favela eu aprendi coisas que, hoje, quando conto para os meus netos ou para alguém jovem... eles nem sabem que existiram”.

As lembranças de infância e adolescência falam de uma **vida difícil** – sete são órfãs, sendo que cinco perderam o pai muito cedo. Vida de trabalho, de duro trabalho infantil que começa com as atividades domésticas e o cuidado/criação dos irmãos menores e a elaboração de trabalhos manuais para vender, mas que se estende à coleta de lenha e de legumes rejeitados para a venda ou reaproveitamento, ao trabalho na roça e na fábrica. O tempo para a escola e para as brincadeiras era pouco. Algumas começaram a trabalhar antes dos oito anos de idade, outras a partir dos 15 anos (32% do total trabalharam antes dos 15 anos): “não tive praticamente infância, tive foi muito trabalho pela frente... Vivi muito intensamente desde pequena” (Odete).

Mas a evocação de uma **vida difícil** (68% das mulheres) não se restringe ao trabalho infantil, pois nem todas o exerceram. Ela remete, principalmente, à lembrança de relações familiares conflituosas, de pais severos e autoritários e mães castradoras: “Quando a gente cometia um erro, ele (pai) nos fazia repetir o mês inteiro. Para mim, estava me xingando, era uma maneira de me agredir ... meu pai não batia nem agradava, mas só com a presença dele a gente tremia até os intestinos, sem ele brigar, só pela autoridade. Mas minha mãe era de bater todo dia, três vezes ao dia...” (Rachel). Nessas lembranças dolorosas, são as relações com os irmãos, os avós ou os padrinhos que permitem a construção de uma imagem positiva da família e contribuem para a reconstrução de uma representação coerente de seu passado ou de si mesmas.

Mas nem só de sofrimento são compostas essas memórias. Há relatos (32%) que estão associados a um contexto de relações familiares afetivas, a sensações de aconchego: “tive uma vida maravilhosa, até hoje me traz uma recordação gostosa, tanta saudade!” (Zuleide); “uma vida muito abastada, meu pai era quase o dono da cidade, era o coronel de lá!” (Dora); “meu pai era maravilhoso ... quando acabávamos de jantar, meu pai me trazia para passear à noite ...” (Ady).

Com a entrada na adolescência, essas diferentes representações da infância – **vida difícil** ou **vida maravilhosa** – se apagam na memória. Nessa etapa da vida, o que une essas mulheres são as restrições à possibilidade de exercer uma

¹² POLLAK, M.. Encadrement et Silence: le travail de la mémoire. In *Pénélope, Pour l'Histoire des Femmes*. Paris: EHESS, n° 12. 1985, p. 35.

¹³ HALBWACHS, M.. *La Mémoire Collective*. Paris: PUF, 1968.

sociabilidade extra-familiar - todos os pais são percebidos como severos, controladores. Freqüentar bailes e festas só era possível através de "mentirinhas", sob o pretexto de saídas para consultas médicas ou para a realização de cursos; namorar, só no portão sob as vistas do pai ou da mãe. As estratégias criadas para fugir do controle familiar eram inúmeras e os namoros clandestinos, freqüentes: "namorei prá caramba! Namorava mesmo, sempre escondido, pois meu pai era autoritário, não deixava nada, não deixava ir à festa, não podia fazer nada..." (Augusta); "namorei muito pouco, nem parecia namoro porque era escondido dela (mãe). Uma vez ela me pegou na rua conversando com um, ela me bateu. Meus 15 anos e levei uma surra por causa de namorado" (Hellen não casou).

Namoro de portão ou escondido, os relatos apontam para o exercício bastante limitado da sexualidade; para as gerações mais velhas a virgindade ainda constituía um valor social. Reprimidas pelos pais, o caminho mais fácil para a liberdade era o casamento, casamento precoce - 24% dessas mulheres casaram antes dos 18 anos de idade: "tinha ansiedade em casar porque queria ter uma casa... tanto que foi meu primeiro namorado ... também não tinha oportunidade de ter muitos!" (Isa); "flertava com um, com outro, mas não namorava porque meu pai não deixava. Por isso troquei os estudos pelo casamento, me casei cedo" (Tita). Assim, casar com o primeiro namorado era prática bastante comum. O casamento representa, principalmente para as jovens mulheres pertencentes às classes populares, a via direta de passagem à vida adulta. A entrada na vida conjugal é, tradicionalmente, mais sobrecarregada de conseqüências para as mulheres do que para os homens, pois o desejo de autonomia da tutela paterna resulta, também, em maternidade precoce e num acúmulo de papéis e de responsabilidades. A vida continuou difícil...

Tempos de casamento, de sexualidade e maternidade

Casar por amor ou por conveniência?

A concepção romântica do casamento, característica da modernidade, é dominante e socialmente universal e, dizem, as mulheres são mais sonhadoras que os homens, sonham com o grande amor. De fato, a grande maioria das mulheres investigadas casou por amor (68%). Para algumas, o amor era tanto que casaram mesmo contra a vontade da família, questão de exogamia social (24%): "comecei a namorar ele (futuro marido/mecânico) e terminei com o outro (estudante de medicina). Aí, havia uma diferença na minha família: um sempre de terno e gravata e o outro sempre de macacão, todo sujo de graxa" (Augusta); "foi um amor de cabana, eu era moça rica e ele um mero estudante... a família foi contra mas o amor venceu" (Dora). Nesses poucos casos de exogamia, somente uma mulher ascendeu socialmente com o casamento. De fato, a homogamia é quase regra, as pessoas casam, principalmente, no interior de sua própria classe social. Mas há aquelas que casam por conveniência, umas casaram porque ficaram órfãs e o casamento representava segurança, proteção, outras fizeram um casamento arranjado pela família, outras ainda se casaram tardiamente só para não ficar moça solteira: "meu pai que arrumou esse casamento, disse que ele era bom rapaz. A gente obedecia

aos pais, aí eu casei. Mas eu nem sabia o que era casamento, casei sem namorar, pensei que era casar e pronto!" (Júlia); "casei com esse homem sem querer casar... antigamente moça de 24 anos solteira? Não pode!" (Clara).

Entre as mulheres que casaram, 40% o fizeram com o primeiro namorado. Para Bozon, "a escolha do primeiro parceiro e o momento da primeira relação, mais tardia (para as mulheres) que para os homens, parece ser fruto de uma decisão bem pensada que implica o desejo de uma relação verdadeira e durável, assim como um compromisso amoroso: desde o início, um laço se estabelece entre sentimento, casal e sexualidade"¹⁴. No caso específico das mulheres de mais de 60 anos, a decisão de entrar na vida conjugal logo que surge o primeiro sentimento amoroso traduz, sobretudo, um enorme desejo de autonomia da casa paterna: "eu fui sempre oprimida e com uma necessidade de liberdade, uma ansiedade de liberdade incrível! Eu sempre digo que a palavra mais gratificante é liberdade e a pior é o medo; porque eu vivi a minha vida toda com medo, medo do meu pai (...) era uma época em que falar de sexo era pecado, medo até mesmo da religião que eles nos impunham..." (Augusta).

Difícil determinar a idade média ao casar em um grupo relativamente pequeno como esse, tendo ainda que excluir as três mulheres solteiras (duas não casaram para cuidar dos pais)¹⁵. A classificação em quatro grupos de idade apresenta uma distribuição quase equitativa: seis casaram antes dos 18 anos (24%), sete entre 18 e 21 anos (28%), seis entre 22 e 25 anos (24%) e três com mais de 26 anos (12%). Com exceção de duas delas, que casaram aos 37 e 40 anos, as demais casaram virgens. Em estudo sobre iniciação amorosa no Rio e em Paris, Bozon e Heilborn mostram como " (...) no Brasil, a preservação da honra familiar passa tradicionalmente pela preservação da virgindade das filhas antes do casamento. O controle paterno visa prevenir uma desonra possível. A virgindade é aqui um valor social mais que moral"¹⁶. Esta concepção é ainda mais forte nas gerações nascidas entre 1912 e 1937, em que a primeira relação sexual está estreitamente ligada ao casamento. Assim, a idade ao casar coincide com a idade da primeira relação sexual: "hoje em dia eu acho as moças, assim, mais fáceis... Graças a Deus, comigo e com minha irmã não aconteceu nada, casamos direitinho" (Isa).

Para essas gerações, casamento e sexualidade estão intrinsecamente relacionados e o sentimento amoroso é que vai temperar as relações conjugais, sendo que o amor tem sabores diversos. Há casais que se formaram sem história de amor, outros degustaram o "amor de cabana" durante longo tempo, outros ainda sentiram apenas um leve gosto. A vida a dois é marcada por sabores que variam do

¹⁴ BOZON, M., Les Constructions Sociales de la Sexualité. In *Population*, n° 5, Paris, 1993, p. 1330.

¹⁵ "Se eu casasse, iria sofrer porque não iria botar minha mãe na rua... Quem casasse comigo teria que casar com ela também, pois minha mãe não admitia que eu saísse e ela ficasse. Então, (se casasse) teria que ficar entre a mãe e o marido. Deus sabe o que faz e a gente não sabe o que diz!" (Hellen). "Casou a primeira (filha), casou a caçula e eu fiquei com eles até o fim. A mamãe trazia a gente na moda antiga, cheguei a namorar um mas não deu certo. Foi isso que aconteceu na minha vida... (não saía) não era por causa de filho pequeno mas era pai e mãe" (Olga).

¹⁶ BOZON, M. e HEILBORN, M.L., Les Caresses et les Mots: initiations amoureuses à Rio de Janeiro et à Paris. In *Terrain*, n° 27, Paris, 1996.

doce ao amargo. Considerando que o processo de conhecimento do outro se dá paulatinamente, é na interação cotidiana que se constroem e se definem as regras da conjugalidade¹⁷. As representações sobre a vida conjugal assinalam o papel desempenhado pelo marido; dele dependem a estabilidade e durabilidade do casamento: "casei com um homem muito enérgico mas muito sério, muito honesto. Era baiano, tinha um gênio forte mas era muito correto, não era bem um ditador mas tinham que ser feitas suas vontades e eu renunciei a muita coisa e consegui ficar casada com ele 50 anos" (Lourdes); "meu marido era um marido tão exemplar! Sempre tinha aquela hora certa de chegar ... era um homem que só vivia para a casa, era uma coisa!" (Maria). Para essas mulheres de mais de 60 anos, cabe ao marido a responsabilidade pelo equilíbrio familiar, pela vida amorosa do casal e, principalmente, pela iniciação da mulher na vida sexual: "aprendi a ser carinhosa com meu marido" (Shirley).

Sendo o casamento o lugar permitido para a produção dos afetos e das relações sexuais, quando a sexualidade é excluída ou refeeda, operam-se transformações importantes nos vínculos conjugais, abrindo espaço ao desenvolvimento de relações extra-conjugais. Nessas gerações nascidas até 1937, a infidelidade masculina era, muitas vezes, tolerada: "ele levava uma vida dupla, tinha outras mulheres. Apesar de não gostar muito dele, nunca fiz questão dele ter essa vida, para mim era até melhor ele ter uma vida lá fora, aí não ficava enchendo o meu saco" (Joana). "Vida dupla", "vida lá fora", "outra mulher", "amante" são os termos mais usados para qualificar a infidelidade dos maridos. Mas quando se trata de infidelidade feminina, ela passa a ser percebida como "traição", pois é absolutamente proibida. Mais rara de se manifestar, a infidelidade das mulheres de mais idade é muito mais silenciosa, disfarçada, completamente clandestina: "vão fazer 45 anos (de casamento) e eu nunca consegui amar esse homem! Não tenho ódio dele, pois se preocupa comigo e tudo. Mas sabe, eu tive amores depois dos 42 anos, tive alguns namorados. Eu dizia que ia fazer compras e saía com o namorado. Foi a época em que conheci o que é o amor, o que é o sexo. (com o marido) eu só fazia sexo de olhos fechados" (Clara).

Sendo a fidelidade uma das regras da conjugalidade, a partir do momento em que a infidelidade se manifesta, o contrato pode ser rompido. Com exceção do único caso de infidelidade feminina encontrado no universo investigado, os quatro casamentos onde a infidelidade masculina foi revelada foram dissolvidos. Em alguns a tolerância durou pouco tempo; em outros, como o acima citado, ela durou mais, quase 25 anos. Mas, em todos, foram as mulheres quem decidiram pela dissolução do casamento.

Para essas mulheres a separação significava uma separação de corpos, sem implicações legais, uma vez que eram elas que abandonavam os maridos. Além disso, o divórcio ainda não tinha sido legalizado e a separação judicial implicava a apresentação de provas da infidelidade e, por conseguinte, em despesas financeiras com que não poderiam arcar. Assim, "sair de casa" era se responsabilizar pela manutenção e educação dos filhos. Vida difícil, mais dura ainda.

¹⁷KAUFMANN, J.-C.. *La Trame Conjugale: analyse du couple par son linge*. Paris: Nathan, 1992.

A maternidade é, sem dúvida, o momento de consolidação do casamento; a maior parte dessas mulheres teve o primeiro filho poucos meses após o casamento. Mas as mulheres que entraram precocemente na maternidade, entre os 17-18 anos, constituem somente 19% do total das mulheres que tiveram filhos (não podemos esquecer que três são solteiras e uma não teve filhos). A grande maioria teve filhos entre 20-22 anos (38%), seguida de 23% das mulheres que tiveram o primeiro filho entre 23-25 anos. É interessante observar que uma delas começou a ter filhos aos 37 anos. Quanto ao número de filhos, 57% das mulheres tiveram entre dois e três filhos. Poucos filhos para essas gerações de mulheres mais velhas, fenômeno que, talvez, possa ser explicado pelo fato de que 80% delas sempre trabalharam.

Nas camadas populares, o trabalho feminino é voltado, principalmente, para o setor informal (48%). As mulheres de nosso universo, pertencentes a esse grupo social, afirmam que o trabalho exercido ao longo dos anos foi fundamental para a manutenção do grupo familiar. Como autônomas, 60% dentre elas contribuíram para a Previdência Social nos últimos anos de trabalho, tendo direito à aposentadoria após os 60 anos de idade.

Mas a remuneração da aposentadoria é baixa, o que as obriga a depender da ajuda dos filhos ou a continuar trabalhando, informalmente: costura, tricô, artesanato, bolos e doces...

Tempos de velhice, de aposentadoria, de solidão ou de liberdade?

Todo indivíduo envelhece, o tempo é cruel com o corpo. A sociedade ocidental, também, pois a aposentadoria é o símbolo social do envelhecimento. O corpo envelhecido e usado é excluído da sociedade com pouca ou nenhuma consideração, algumas vezes até com certo afeto. A sociedade criou concepções e modelos sociais de corpo que estão voltados, principalmente, para a juventude e o início da maturidade.

A representação da velhice está fortemente associada a estigmas socialmente ligados à decadência física, e a percepção que as pessoas envelhecidas têm da sua própria imagem muda à medida que o tempo passa; o confronto com a velhice provocado, principalmente, pela inatividade ocasionada pela aposentadoria, cria múltiplas facetas na representação da decadência e do envelhecer. Assim, a representação de si é como um jogo de espelhos que reflete, através da representação do **outro**, a imagem que cada um tem de si: "todo velho é chato! Eu sei que também vou ficar muito chata. Acho que ninguém vai ter paciência de me olhar" (Clara, 70 anos).

Já apontamos para o fato de que o envelhecimento é de longe um fenômeno mais feminino do que masculino, pois não somente a intensidade e a frequência dos problemas ligados à idade são mais importantes nas mulheres do que nos homens mas, sobretudo, porque alguns deles estão intrinsecamente ligados ao sexo feminino¹⁸. Por exemplo, à mulher envelhecida são proibidas a sedução e a sexualidade. A mulher velha não é mais mulher, pois seu corpo não é mais objeto

¹⁸ ROSEN MAYR, H.. Les Femmes et leur Vieillesse. In *Gérontologie et Société*, n° 56, 1991.

de desejo, está fora do circuito da sedução e da reprodução que, para as mulheres das gerações mais velhas, estabelece o estatuto fundamental da mulher. Além disso, a viuvez tem sido apontada como sinônimo da solidão... feminina; já apontamos para o fato de que a longevidade feminina é maior que a masculina. Por outro lado, os homens não ficam viúvos por muito tempo, buscam logo uma nova companheira mais jovem.

Algumas das mulheres entrevistadas (18%) afirmaram ter se inscrito na UnATI para fugir da solidão, fruto da viuvez. A morte do cônjuge pode ser uma tragédia ou uma liberação. Tudo parece indicar que a viuvez-liberação é típica das camadas populares e das frações inferiores das camadas médias, pois o marido aposentado torna-se cada vez mais caseiro, sem vontade de sair, fazer visitas etc. Já a mulher, em geral, mais jovem que o marido, atravessa uma fase inversa: liberada do cuidado dos filhos, está ávida para exercer outras atividades e estabelecer novos contatos fora de casa. O marido representa, assim, um freio na realização desses desejos e sua morte o símbolo da liberação da tutela masculina: "agora que ele faleceu, eu estou com a minha vida própria, agora eu faço o que eu quero. Não tem ninguém para me mandar: nem meu pai nem meu marido. Agora sou eu mesma" (Cremilda); "elas (filhas) acharam que eu ia ficar muito depressiva. Mas eu parti para passear, para fazer outras coisas e gostei!" (Zuleide).

Muitas vezes, a viuvez-liberação é uma armadilha, se transformando em um cerceamento familiar, sobretudo, quando moram com o filho (a) casado (a): novas atribuições domésticas, novos conflitos familiares: "em casa, às vezes me fecho no quarto para ler: quero ficar sozinha, pensar sozinha, viajar sozinha. Quero estar comigo mesma, me sentir eu!" (Joana).

Nos meandros simbólicos da imagem da velhice, os clichês são enormes: entre eles a solidão e a monotonia são os mais assinalados. A inatividade da aposentadoria é, muitas vezes, compensada por um dinamismo social; não mais existindo o sentimento de pertencimento a um lugar e a um grupo de trabalho, são os espaços públicos, em geral, que reproduzem este sentimento e criam novos laços sociais, estruturando a identidade à velhice. As representações desta passagem ao encontro de uma nova imagem, de identidade recente, apresentam diferenças, ao menos simbólicas, segundo as estratégias de sociabilidade de que lançam mão as pessoas de idade¹⁹. "Eu acho a UnATI, um pedacinho do céu, aqui me encontrei (...). Até aposentei os remédios, agora não tomo remédio, só para a pressão, porque não dá nem tempo de ficar doente. A gente chega em casa correndo, já pensando nos cursos do outro dia: italiano, teatro, biodança e dança de salão. Então a gente está nesse constante movimento e não dá tempo para pensar nas dores" (Lourdes); a gente aqui (na UnATI) se sente até mocinha!" (Ruth).

Aqueles que participam desses novos espaços abertos para as pessoas de mais de 60 anos, como os clubes e universidades da terceira idade²⁰, estão, na

¹⁹ PEIXOTO, C.. Em Busca do Pequeno Paraíso: envelhecimento e sociabilidade. In *Antropologia Social, Comunicações do PPGAS*, nº 6, Museu Nacional/UFRJ, 1995.

²⁰ Mesmo que essas instituições venham preencher as necessidades das pessoas de mais idade, não podemos deixar de considerar que são espaços que promovem a integração social ao mesmo tempo em que discriminam as pessoas por idade.

verdade, procurando exercer novas atividades ao mesmo tempo em que buscam refazer uma nova rede de amizades e até encontrar novos parceiros amorosos: "antes, eu passava o tempo em casa, sozinha, na cadeira. Isso é o problema de todo velho, porque os parentes, mesmo que gostem da gente, não têm tempo. Os mais novos estudam, os outros têm suas coisas para fazer, então o velho fica como objeto à parte. Agora, só chego em casa às 20:00h" (Lourdes); "foi no Sesc da Tijuca, ele era apaixonado pela minha amiga e eu é quem levava os recados para ela. Mas ela, felizmente ou infelizmente, não gostou dele e sobrou para mim! ... Fui amada novamente e estou com ele há seis anos" (Dora).

Nesses relatos sobre a vida na velhice, é imensa a vontade de realizar os desejos até então sufocados; algumas recusam viver sexualmente com os maridos que não escolheram ou não amaram e sublimam a sexualidade em atividades e cursos longe de casa; outras mantêm o contrato de casamento mas buscam novas emoções fora do casamento ... amorosas ou não: "a gente é muito amigo, ele me trata muito bem e eu posso sair à vontade, ele não me proibe de jeito nenhum. Tenho ampla liberdade, inclusive eu paquero!" (Clara). Quanto às viúvas ou separadas, 28% dentre elas viveram uma segunda união ou outro tipo de relação amorosa, "buscando o carinho de um domingo de almoço, a atenção de uma tarde de sábado. Quero atenção e carinho" (Rizete).

Este artigo, baseado em vinte e cinco histórias de vida de mulheres nascidas nas primeiras décadas desse século, procurou mostrar o sorriso daquelas que, apesar da repressão e do silêncio familiar existentes na juventude e na maturidade, encontraram nos tempos da velhice a 'liberdade' tão almejada. Buscou, ainda, revelar no olhar triste e cansado daquelas que muito lutaram para sobreviver ou viveram "intensamente", como diz Odete, a tranquilidade e a alegria de viver.

A velhice mascara milhares de indivíduos originais e as histórias contadas por essas mulheres não são extraordinárias nem cheias de aventura. São histórias que revelam os momentos de dor e prazer vividos nesses longos anos; histórias de infância na roça e na cidade, histórias de amor e desamor. São, quem sabe, velhas histórias de mulheres envelhecidas mas que fornecem pistas para uma reflexão mais profunda sobre a sexualidade e a intimidade feminina das mulheres de mais de 60 anos.